

Anti-editorial

Alexandre Sá¹

1 Artista-pesquisador, curador e crítico de arte. Pós-doutorando em História pelo PPGH-UFF. Procientista/UERJ com o projeto As revistas acadêmicas de Artes Visuais. Atual diretor do Departamento Cultural da UERJ. Jovem Cientista do Nosso Estado. Professor permanente do PPGARTES/UERJ. Sócio da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Membro da ANPAP - Comitê de Poéticas Artísticas. E-mail: alexandresabarretto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes ID: lattes.cnpq.br/0137944963846547. Niterói, Brasil

Este é um editorial de longa duração em sua feitura. Seu processo de escrita foi extenso por uma quantidade enorme de motivos: o trabalho, a pesquisa, a burocracia, os formulários, os editais, as respostas dos editais, os pedidos de prorrogação e a vida, ali crua, tentando sobreviver à enxurrada de demandas que tentam se colocar sempre à frente. Em algum momento cheguei a pensar que ele nem ao menos pudesse ser escrito e precisasse entrar em um processo de suspensão, como se fosse a pausa necessária para que pudesse voltar a respirar.

Obviamente tais razões explicitadas não desejam uma justificativa. A justificativa nem sempre precisa de razões. Mas aqui, diante de nós, leitores, é interessante pensar e problematizar o próprio processo de escrita diante das enormidades que se colocam para quem está na universidade como docente e pesquisador(a). Manter uma revista é sempre uma tarefa hercúlea. Mas neste caso específico, temos algumas particularidades que merecem atenção e cuidado.

Os editores, antes mesmo de serem editores, são professores. Lotados de trabalho em sua maioria. Com uma quantidade imensa de demandas a serem resolvidas e uma quantidade também gigante de trabalho burocrático que engole o tempo e enclausura a possibilidade de pensamento com a janela aberta para que o tempo entre. É importante pensarmos com urgência sobre o aumento de tais operações e a possibilidade de escoamento de tais responsabilidades para a saúde de docentes, discentes e técnicos.

No caso do Rio de Janeiro, da universidade pública e mais especificamente da UERJ, terminamos naturalizando a precariedade de suporte para a publicação de uma revista acadêmica. Desde que comecei na Cocinnitas, tivemos no máximo, 1 bolsista de extensão e 1 bolsista Proatec para o design da revista. Jamais recebemos verba da universidade para a manutenção e nunca recebemos um técnico específico para isso. Não existem editais internos para apoio às revistas e nenhum editor recebe por sua participação e trabalho. A única verba recebida até o momento é um quantitativo do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ que utilizamos para eventual revisão e organização de dois livros de entrevistas que serão publicados em breve. O controle do processo de triagem, recebimento e avaliação de artigos é feito pelos editores executivos. Ou melhor, por um editor executivo, Rudolf Kurz que também é voluntário. E pela bolsista de extensão, Gabriela Syderas. O setor responsável por todas as revistas da

UERJ está vinculado a EdUerj e conta com um número mínimo impossível de funcionários e por isso, obviamente, não dá nenhum apoio ao processo de indexação. Lembrando que somos uma revista A1. Ainda.

Olhando tudo isso de maneira crua e concreta, precisamos nos perguntar para que serve uma revista acadêmica de arte hoje. Considerando ainda a tensão de publicarmos com regularidade, atendendo a uma série de exigências e a ausência absoluta de fomento que não seja via edital, que por sua vez, exige competitividade e aumento posterior de trabalho no processo de prestação de contas, cabe levantar uma real preocupação sobre a efetividade da revista acadêmica hoje para a construção de múltiplos saberes coletivos, sua inserção na comunidade científica em Artes, seu uso pelos docentes na graduação e pós-graduação e seu encanto. Para isso, precisaremos de alguma coragem e políticas efetivas de análise e estratégia, bem como um abandono real da hipocrisia, para podermos considerar que a repetição de um método e o cumprimento de deveres e datas não são nem nunca foram sinônimo de qualidade e respeito junto ao público e aos profissionais envolvidos.